

**ENTRE ENCANTOS E
FEALDADES:
MARIA FIRMINA DOS REIS E
VALTER HUGO MÃE¹**

*ENCHANTMENTS AND
UGLINESS:
MARIA FIRMINA DOS REIS
AND VALTER HUGO MÃE*

Márcia Cristina Becker²
(UNEMAT/IFMT)

1 Este artigo é resultado de parte da avaliação exigida na disciplina “O Romance Contemporâneo”, ministrada pela professora Dr^a. Vera Maquêa no PPGEL/UNEMAT, na primavera de 2020.

2 Mestranda no PPGEL/UNEMAT. Professora no Instituto Federal do Mato Grosso – IFMT. E-mail: marcia.becker@unemat.br

“O homem não é nada, mas pode tornar-se tudo.”

(TUGNOLI, 2006)

RESUMO: Este artigo analisa as trajetórias de duas personagens, Luiza B. e Matsu, dos romances *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis e *Homens imprudentemente poéticos*, de Valter Hugo Mãe, respectivamente. Os romances apresentam as personagens e como vivenciam as particularidades humanas, especialmente o que concerne às pessoas com diferenças para viver, sentir, expressar e imaginar a vida. As personagens são discriminadas e abandonadas, uma exclusão que possibilita uma reflexão e aproximação das duas obras e que permite também vislumbrar as fealdades e encantos da própria existência. Esse estudo apoia-se em teorias e críticas acerca da personagem de ficção, dentre outros aspectos narrativos que contornam o cultural e o social em Antonio Candido, Walter Benjamin e Ludwig Feuerbach.

PALAVRAS-CHAVES: Maria Firmina dos Reis; Valter Hugo Mãe; Personagens femininas; Igualdades; Diferenças

ABSTRACT: This article analyzes the trajectories of two characters, Luiza B. and Matsu, from the novels *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis and *Homens imprudentemente poéticos*, by Valter Hugo Mãe. to people with differences to live, feel, express and imagine life. The characters are discriminated and abandoned, an exclusion that allows for a reflection and approximation of the two works. It also allows a glimpse of the ugliness and charms of existence itself. This study is based on theories and criticisms about the fictional character, among other narrative aspects that outline the cultural and social aspects of Antonio Candido, Walter Benjamin and Ludwig Feuerbach.

KEYWORDS: Maria Firmina dos Reis; Valter Hugo Mãe; Female characters; Equalities; Differences

No cotidiano da vida deparamo-nos com crueldades humanas e é possível perceber como as relações revelam valores que constituem as sociedades. É do caráter distintivo do ser humano compor-se e reconhecer-se pelas diferenças, o que leva, muitas vezes, à exclusão de pessoas ou povos pelas suas singularidades. Há uma pretensão de uniformidade da vida, um mundo de igualdade, mas que termina por marcar diferenças e exclusões, gerando atrocidades no encontro com o outro.

Para abordar essas questões, escolhemos o romance brasileiro *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859 e o romance português *Homens imprudentemente poéticos*, de Valter Hugo Mãe, publicado em 2016. É a partir da análise e recorte de duas obras, especificamente de duas personagens femininas, que exploraremos essas condutas e formas de ser, questões como os encantos e as fealdades, igualdades e diferenças nas suas representações literárias.

O sentido da substância humana pode ser concedido por uma imagem que se vê e que se forma a partir de uma concepção do que se é, daquilo que o forma enquanto ser. Feuerbach (2007, p. 36) afirma que a essência humana é a interpretação que o homem possui de si mesmo, uma definição do que é enquanto humano. Nas obras escolhidas para a compreensão desse conceito de humano, adjetivadas com fealdades e os encantos possíveis, vamos nos ater ao estudo das personagens Luiza B. e Matsu, respectivamente.

Úrsula é considerada por alguns pesquisadores contemporâneos como a obra pioneira da temática abolicionista na literatura brasileira e, além de temas como a escravidão, o racismo, o incesto e a opressão à mulher na sociedade patriarcal e escravocrata, aborda a questão de como era a vida na sociedade escravocrata no século XIX. Nessa obra é possível verificar que a vida e a relação entre os seres humanos têm especificidades de existência, em que um pode ser considerado deficiente e, por isso, ser excluído em determinada sociedade.

Maria Firmina dos Reis, nasceu em São Luís do Maranhão, em 11 de março de 1822. Ignorada por décadas, apesar da fulgente carreira como poeta, escritora, musicista e criadora da primeira escola mista do Brasil, a autora faleceu em 11 de novembro de 1917,

em Guimarães, estado do Maranhão. Hoje, é considerada por alguns estudiosos da literatura como a primeira romancista brasileira e marco inicial da literatura afro-brasileira.

O romance *Úrsula*, escrito e publicado originalmente no século XIX, no ano de 1859, é dividido em 20 capítulos, sendo que o capítulo 8 é intitulado “Luiza B.”. Essa parte do romance conta a história da mãe de Úrsula, esposa de Paulo B. que apresenta paralisia e é a personagem que dará luz à análise aqui proposta.

Há, nessa obra, uma narrativa consonante com as narrativas de sua época, no âmbito do Romantismo, sobre dois jovens brancos que se apaixonam e tentam, de todas as formas, concretizar o amor que sentem um pelo outro. Mesmo “que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros” (REIS, 2018, p. 93), o enredo apresenta personagens que, apesar de não serem os referidos como protagonistas, comunicam no romance as, inicialmente comentadas, atrocidades do cotidiano.

Uma dessas personagens, como já citado, é Luiza B. Ela é mãe da protagonista Úrsula e “sem dúvida ocupava-se só do porvir de sua filha” (REIS, 2018, p. 162). É também uma mulher muito doente, um “esqueleto vivo, que a custo meneava os braços”. É, sem dúvida, “os restos de uma penosa existência, que se finava lenta e dolorosamente.” (REIS, 2018, p. 163).

O romance *Homens imprudentemente poéticos* narra a história de Itaro, artesão de leques e de Saburo, oleiro, na região de Quioto, Japão. Assim como Úrsula, esse romance apresenta temas relevantes como a morte, o suicídio, a vida e suas adversidades. Realça também personagens com costumes e tradições peculiares. Em destaque, a personagem, Matsu mostra um lugar de ser e estar de modo específico no mundo, em um peculiar panorama que anuncia a vida humana no invisível, ou seja, uma menina cega que exala luz. Essa especificidade de vida de Matsu é pormenorizada como deficiente visual e como a pessoa com deficiência era vista e tratada pela sociedade.

O romance do escritor português, dividido em quatro partes, foi publicado em 2016 e, como afirma Laurentino Gomes (apud MÃE, 2016, p. 17), “é óbvio candidato a melhor romance em língua

portuguesa de 2016, como se percebe logo nas páginas iniciais.” Valter Hugo Mãe – que é o nome artístico de Valter Hugo Lemos – nasceu em Angola, no dia 25 de setembro de 1971. Publicou mais de 30 livros entre romances, poesia e literatura infantil, dedicando-se também à música e às artes plásticas. Gomes afirma ainda que, com maestria, em *Homens imprudentemente poéticos*, apresenta-se um lirismo imperioso à compreensão de “uma delicada e milenar cultura japonesa.” (GOMES, apud MÃE, 2016, p. 17).

O romance, como já apontado, tem como protagonistas Saburo e Itaro. Entretanto, é na personagem Matsu que se vislumbram as controvérsias e dificuldades com relação ao ser humano que sente, vive e imagina a vida com outros parâmetros. Socialmente, tal personagem é percebida pelos que com ela convivem como um ser humano deficitário e incompleto. Tal adjetivação é um ponto de vista, uma segregação pela individualidade de Matsu, revelando nesse contexto, a iniquidade do viver socialmente.

Matsu é irmã de Itaro, uma menina com muita imaginação e um grande coração. É cega de nascença e muito agradecida por tudo em sua vida: “As mentiras da cega eram o modo que tinha de agradecer” (MÃE, 2016, p. 38). Ela é o ponto de equilíbrio na vida do irmão, o qual tem um forte desejo por matar: “Itaro revoltava-se contra as fraquezas. Admitia mal que era fraco também, porque se dividia com a incontida vontade de matar. A irmã sentia-lho.” (MÃE, 2016, p. 38).

Ao observar as personagens de ambos os romances, escolhidas para esse estudo, vemos que as personagens de uma obra ficcional são elementos fundamentais na construção da narrativa, como explica Antonio Candido:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida

a determinadas condições de ambiente.
(CANDIDO, 2014, p. 53)

Essas personagens tecem a vida no enredo, apresentam um momento histórico ou uma apreensão do real. Tanto Luiza B. como Matsu são personagens que desvelam o ser humano em reveses, no caso, por terem especificidades de vida são abandonadas e discriminadas, enfim, desprezadas. O desrespeito e a rejeição sofridos pelas personagens demonstram que às vezes as diferenças são vistas como deficiência. Essa é uma limitação da sociedade. Feuerbach (2007, p. 40) afirma que “Toda limitação de um ser existe somente para um outro ser além e acima dele” e que “Todo ser se basta a si mesmo”.

Deste modo, seja no oriente ou no ocidente, no século XIX ou na atualidade, o que fica claro nas obras analisadas é a condição da pessoa na sua singularidade, suas marcas e formas de existir. Nos romances, não se trata de uma patologia que o indivíduo carrega, mas de um obstáculo do ambiente que a sociedade deve remover, tanto física quanto socialmente, uma segregação que cultiva a dor, exclusão e banimento.

Igualdades e diferenças

Os dois autores são de tempos e lugares distintos, marcam trajetórias muito diferentes nos contextos sociais em que se inserem, contudo são semelhantes naquilo que é suas maneiras de interpretar o comportamento e as ações das pessoas diante de situações diversas. Apresentam personagens de sociedades muito diferentes, mas que se aproximam com relação à vida e ao tratamento que recebem, como deficientes, percebidas e consideradas suficientes sob o ponto de vista quantitativo de vida, adjetivadas como deficientes, falhas e incompletas. Uma perversa forma de considerar a existência.

Segundo José D’Assunção Barros (2018, p. 3), “Vivemos em sociedades desiguais e diferenciadas.” Dentro das sociedades apresentadas pelos romancistas, no oriente ou no ocidente, na cegueira ou na paralisia, as duas personagens figuram a dualidade

entre igualdade e desigualdade nas diversas esferas da história dessas sociedades. Barros (2018, p. 3) declara que nesse contexto da vida humana, principalmente no mundo contemporâneo, a percepção dessa diferenciação entre as sociedades é crescente. Todavia, mesmo estando em lugares tão díspares, as personagens vivem enormes aflições, como a pobreza e a fome. As duas choram e padecem. Luiza B. sofre: “A pobre senhora, vencida pelo muito sofrer [...]” (REIS, 2018, p. 112). Matsu chorava dia após dia e “por tanto chorar, a cega subiu as águas e as adoçou como nunca” (MÃE, 2016, p. 149).

O ambiente, o tempo, o contexto social e as personagens são diferentes, mas há muitas similitudes e evidências de que a aproximação por experiências semelhantes pode existir em meio à diversidade. Luiza B. e Matsu têm sapiência do que elas representam para as outras pessoas. Observamos dois momentos diferentes, mas com paridade nos acontecimentos: 1) Luiza B. está acamada e recebe a visita de Tancredo, que deseja pedir-lhe a mão de Úrsula. Durante o encontro, o narrador conta ao leitor como o mancebo se sente,

[...] e o que sentiu em presença desse leito de tão apuradas dores mal poderia dizer. Semelhava um cadáver a quem o galvanismo emprestara movimento limitado às extremidades superiores, mirradas e pálidas, e brilho a uns olhos negros, mas encovados. Venceu a perturbação, e chegando-se à mãe de Úrsula estendeu-lhe a mão, que ela apertou com efusão, tanto quanto lhe permitiam suas débeis forças. Essa mão era leal e generosa, e Luiza B. sentiu-se comovida, **porque era a primeira pessoa que a visitava em sua triste morada, e que em face de sua enfermidade a não desdenhava, nem sentia repugnância da sua miséria, e do seu penoso estado.** (REIS, 2018, p. 164, grifo nosso).

2) Matsu, por sua vez, nasceu cega e, devido a essa condição, o narrador conta que os pais ficaram “confusos de susto e alguma vergonha” (MÃE, 2016, p. 40) e que

[...] ponderaram afogar a cabeça de Matsu no riacho. Permitir que a criança se libertasse de imediato da clausura do seu corpo. Estaria emanada a vento de uma boa tarde, à luz intensa e quente. Era melhor que o fizessem antes que desenvolvesse algum tipo de consciência, ensinada para alguma palavra ou súplica. Antes do carinho ou do reconhecimento. Adiam constantemente o gesto mas tinham-no decidido. Ponderavam a coragem, estavam muito justos. Haveriam de lhe afogar a cabeça e, pequena como era, seria insuficiente para estrebuchar ou gesticular demasiado. Soltaria umas gotas de ar, balões pequenos que só se veriam na água, e depois um balão maior que lhe viria do fundo do corpo, a colher o vento espiritual completo, desde os dedos dos pés até o fundo da cabeça. Na tarde boa que escolheriam, a menina pairaria um bocado até se sentir gratamente livre e pronta para partir. **Os pais seriam poupados à sua humilhação e ao seu desperdício.** (MÃE, 2016, p. 44, grifo nosso).

Percebemos que os momentos vividos pelas personagens são apresentados de forma a convergir em um mesmo conceito: o de que o ser humano com especificidades de vida, caracterizada em algumas sociedades como deficientes é considerada um fardo, um desperdício, que causa repugnância. Feuerbach afirma que: “A essência verdadeira é a que pensa, que ama, que deseja. Verdadeiro, perfeito, divino é apenas o que existe em função de si mesmo.” (2007, p. 36). Nesse sentido, Luiza B. e Matsu igualmente amam, desejam, pensam e essas atitudes de ambas se mostram em tensão com valores e crenças de suas respectivas sociedades.

Sendo personagens de espaços e tempos diferentes, afirmam como são menosprezadas por suas diferenças e, mesmo vivendo em sociedades desiguais, ainda assim, compartilham suas formas de exclusão. Agamben (2009, p. 59) afirma que “um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo.” Luiza B. e Matsu são representações exemplares dessa concepção de Agamben. Em uma direção um pouco diferente, Candido afirma que

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (CANDIDO, 1972, p. 89-90).

A concepção da realidade proposta por Reis e Mãe aponta para uma crueldade inerente à natureza humana, não aceitável perante a lei de vida e de equidade para a existência de todos. Outrossim, não são somente os sentimentos das outras pessoas em relação a elas, mas também o que elas sentem diante da própria condição. Luiza B. expressa sua triste situação e como se vê diante dela:

— Perdoai a frieza desta recepção — continuou —, sou uma pobre parálitica; mas a honra que me fazei, e que aparentemente mal posso corresponder, ficará gravada profundamente em meu coração. [...] (REIS, 2018, p. 163).

(...)

— Ah, Senhor — exclamou Luiza B. reprimindo amarguradas lágrimas —, sou tão desditosa que, falando de mim, só poderia dizer-vos coisas tão tristes e fastidiosas, que vos cansaríeis de as ouvir (REIS, 2018, p. 165).

Similarmente, Matsu reconhece sua condição afirmando que é igual a todos: “Eu sei que sou como as pessoas. Sou igual às pessoas.” (MÃE, 2016, p. 47). Em diálogo com seu irmão Itaro, declara que sente que é um indivíduo igual a todos: “Matsu sentou-se e soube que Itaro lhe contara algo do futuro. Por costume, o irmão só sabia do futuro a desgraça. Calou-se. Podia nada. Era um fardo nas obrigações dos outros dois. Tinha vergonha.” (MÃE, 2016, p. 55).

Os sentimentos advindos das personagens denotam o sofrimento existencial e de como as amarguras das diferenças se acumulavam no interior do ser, em suas almas. Apesar disso, as personagens tentam sobremodo deixar os demais alegres e manter uma convivência harmoniosa com os que as cercam. Podemos observar, cotejando, em *Úrsula* e em *Homens imprudentemente poéticos*, essas projeções:

Luiza B. mal podia compreendê-la, e olhava-a enternecida. Pouco e pouco convencida de que o seu penível estado era a única causa de tão sentido choro, que outro motivo não podia ela descobrir, procurou serenar a extremosa filha, chamando sua atenção para outro objeto, e disse-lhe:

— Enxuga, minha Úrsula, as tuas lágrimas, não vês que eu não choro? — e procurava sorrir-se, mas era um riso amargo, porque o coração não estava isento de dores. (REIS, 2018, p. 162)

Para se iludir de algum alívio, Matsu começou a contar histórias tontas acerca da vizinhança. [...] À noite, sem ignorar o terrível da vida mas querendo também alegrar o irmão e a sua mãe perto, Matsu falava, tantas vezes inventando versões próprias para os boatos mais simples, conferindo-lhes maior grandeza e maior interesse. [...] Matsu, por incapacidade de se conter, dizia isso mesmo: a felicidade está na atenção a um detalhe. Como se o resto se ausentasse para admitir a força de um instante perfeito. (MÆE, 2016, p. 55-56)

É possível observar que Luiza B. e Matsu tentam de todas as maneiras, pelo amor que sentem pelos demais, alegrar aqueles que estão por perto, pois, como considera Feurbach, “certamente todo ser ama a si mesmo, a sua essência, e deve amá-la.” (FEUERBACH, 2007, p. 39), mesmo sentindo-se corroídas pela penosa amargura que carregavam devido à reação das pessoas diante delas. Constatamos, assim, que o amargor experimentado por elas decorre da forma com que são tratadas e vistas pela sociedade.

O narrador em terceira pessoa, no romance de Maria Firmina dos Reis, afirma que Tancredo, ao ir conversar com sua hospedeira, considera-a, à primeira vista, como uma mulher bela: “Luiza B. fora bela na sua mocidade, e ainda no fundo da sua enfermidade podia descobrir-se leves traços de uma passada formosura” (REIS, 2018, p. 164). Mas logo em seguida, ele afirma que ela parecia um cadáver e por isso se sente perturbado e comovido, como já exposto anteriormente. De modo semelhante, Itaro via Matsu como um ser diferente: “E Itaro respondeu: fazes parte das pessoas diferentes.”

(MÃE, 2016, p. 47). Entretanto, diferente em quê? Por nascer cega ela era excluída do mundo dos que se consideram mais gente e completos para a vida, inclusive pelos parentes mais próximos. A personagem, assim como Luiza B. que nunca não recebia visitas, talvez por sua condição de enfermidade e paralisia, era também considerada desigual. Elas são discriminadas e abandonadas, seres apartados por suas condições ímpares de vida.

É perceptível, pelas personagens, observar que o ser humano é diferente em sua substância, tem suas particularidades em muitos aspectos, tanto na sua constituição enquanto ser, características e questões culturais, sociais, políticas e econômicas. Já a desigualdade, no entanto, não se refere a essa distinção, mas a uma circunstância que privilegia alguém em relação ao outro, independentemente de serem iguais ou diferentes.

E o fato de não haver reconhecimento do outro em sua integralidade, como um ser completo, gera exclusão, como sentem as personagens Luiza B. e Matsu, reprimidas, desiguais e sem valor. São formulações construídas. Nesse sentido, Barros (2018, p. 4) afirma que “O desigual e o diferente, podemos dizer, desde há muito ocupam o cenário principal na maior parte das formações sociais, encenando uma eterna contradança cujos passos ecoam no mundo em que vivemos”.

Sendo assim, a desigualdade ou essas circunstâncias que privilegiam alguns em detrimento de outros é construída socialmente e, muitas vezes, implica a construção de ideias de injustiças.

A diferença nas igualdades

A representação da dor, da vergonha e do silêncio é uma forma de abordar desigualdades e exclusões existentes no mundo, e é uma maneira de permitir reflexões sobre esses problemas em diferentes tempos e espaços. Podemos conceber que cada tempo possui sua contemporaneidade e que construções sociais, em diferentes temporalidades, pesam sobre a existência.

Sobre a noção de contemporâneo, Agamben afirma que

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de 'citá-la' segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. (AGAMBEN, 2009, p. 72)

Com efeito, os autores exploram nas narrativas essas questões perceptíveis e semelhantes entre o passado e o presente, entre a ficção e a realidade. Tais questionamentos conservam um vínculo estreito com a noção de mimesis, como a produção de semelhanças, que compreende a ação humana por meio da percepção e da linguagem, conforme concebe Walter Benjamin,

Mesmo para os homens dos nossos dias pode-se afirmar que os episódios cotidianos em que eles percebem conscientemente as semelhanças são apenas uma pequena fração dos inúmeros casos em que a semelhança os determina inconscientemente. [...] Mas essas correspondências naturais assumem sua significação decisiva somente quando levamos em conta que fundamentalmente todas elas estimulam e despertam a faculdade mimética que lhes corresponde no homem (BENJAMIN, 2012, p. 118).

Outrossim, a faculdade mimética fornece capacidade ao homem de perceber que as semelhanças naturais são importantes para sua existência, pois permitem o aprendizado. E além disso,

O dom de ver semelhanças, do qual dispomos, nada mais é que um fraco resíduo da violenta compulsão, a que estava sujeito o homem, de tornar-se semelhante e de agir segundo a semelhança. E a faculdade extinta de tornar-se semelhante ia muito além do estreito universo em que hoje podemos ainda ver as semelhanças. Foi a semelhança que permitiu, há milênios, que a posição dos astros produzisse efeitos sobre a

existência humana no instante do nascimento (BENJAMIN, 2012, p. 122).

Apesar dessa conformidade nas características apresentadas nas personagens e a lógica nas semelhanças, a ideia de construção social aparece em Benjamin, pois para ele “[...] é o homem que tem a capacidade suprema de produzir semelhanças.” (BENJAMIN, 2012, p. 117). Entretanto, essa mesma capacidade estende-se à de produzir diferença.

Luiza B. é “uma pobre mulher enregelada pela doença, e pela morte, que se lhe aproxima [...]” (REIS, 2018, p. 166), também é franca e sensível, como se observa na continuidade do fragmento em que responde ao mancebo “[...] deve falar com toda a franqueza, e demais, a sensibilidade do meu coração ainda existe, e o céu permitiu-me simpatizar com as ações nobres, e desinteressadas.” (ibidem, p. 166).

Entretanto, Luiza B. não interfere de modo direto na vida dos que a contornam, como faz a personagem Matsu. Esta, por sua vez, é “uma queda de sol que se pusesse aos ombros de alguém. Era a própria luz por ironia que vivia na escuridão.” (MÃE, 2016, p. 145). Matsu, por sua condição, afeta toda uma aldeia, uma pequena comunidade, pessoas que a conhecem e até mesmo as que só ouviram falar, pois “A menina reparava.” (MÃE, 2016, p. 146) e além disso,

Os olhos de Matsu nunca haveriam de amadurecer. Estariam para sempre vazios de imagens, vazios de luz. Contudo, por oposto, ela mesma era um lugar de muita coisa. Chegava a afirmar que sabia o que seria a luz por colocar a mão nas madeiras que aqueciam ao sol. Dizia: é uma espécie de olhar sobre nós. A luz é uma espécie de olhar sobre nós. No entanto, incapaz de ver por dentro. Por isso, quando é intensa, aquece pela frustração de lhe ser impossível entrar nas pessoas. Entra por temperatura. Explicava assim, como se quisesse fazer crer que ver era coisa pouca de que a felicidade poderia abdicar. (MÃE, 2016, p. 46-47)

Desse modo, a configuração que se dá às personagens dentro dos romances, demonstrando como veem a própria imagem e como encaram a deficiência que apresentam, mostram experiências muito próximas, o que leva à reflexão sobre como agir diante da pessoa que possui alguma especificidade, como muitas sociedades caracterizam como sendo os deficientes. Para muitos, esses são serem limitados, mas “Nenhum ser pode se negar, i.e., negar a sua essência; nenhum ser é limitado para si mesmo” (FEUERBACH, 2007, p. 40). Para o autor,

Uma limitação que reconheço como a minha limitação, esta me humilha, me envergonha e me intranquiliza. Então, para me libertar deste sentimento de vergonha, desta intranquilidade, faço das limitações da minha individualidade as limitações da própria essência humana. (FEUERBACH, 2007, p. 40)

Talvez por essa questão da limitação, que percebe no outro as próprias limitações, é que elas eram mal quistas pela sociedade em que vivem. Luiza B., no século XIX, comove e perturba, pelo contexto da escravidão e pela opressão típica daquele modelo de sociedade. Matsu também assusta e causa vergonha, mas a maneira como se veem diante dessas circunstâncias é que difere. Luiza B. sente-se diante de uma meia morte, já “[...] a cega aapequenara o escuro” (MÃE, 2016, p. 151).

Agamben (2009, p. 72), ao definir o contemporâneo, considera que é “como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora.” No romance de Valter Hugo Mãe, a personagem Matsu não pode enxergar por uma limitação visual, mas vê o mundo que a cerca, assume uma relação com o seu tempo, com as trevas que a limitam, com a forma que os demais a veem. Quando ela capta e entende a luz de seu entorno transforma a vida de toda a aldeia, diminui as adversidades e possibilita uma ressignificação de vida.

Por conseguinte, Candido (2014, p. 55) afirma que a

personagem efetiva “um certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício”. Através dos romances *Úrsula* e *Homens imprudentemente poéticos*, compreendemos que a história de muitas existências que se igualam na forma como são consideradas pela sociedade, seja esta do passado ou contemporânea, ou que diferem do outro em alguma característica, é sempre uma construção.

A construção das personagens e o espaço ficcional possibilitam que essa construção seja problematizada. Candido afirma que as personagens são mais lógicas que o próprio ser vivo, e isso se dá

Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. (CANDIDO, 2014, p. 59)

Em cada época, com sua contemporaneidade, as duas personagens compartilham experiências semelhantes e apresentam as rasuras de como são vistas e de como se veem no mundo. Tais personagens comunicam ainda que a natureza humana, que não é perfeita, completa e padronizada, revela as facetas de todo um processo histórico de construção da humanidade com fraturas profundas. É como nos declara Feuerbach (2007, p. 39): “Por isso qualquer que seja o objeto de que tomemos consciência fará simultaneamente que tomemos consciência da nossa própria essência [...]”. São, portanto, as ações do homem sobre os embates das diferenças e o modo como enxergam a essência do outro que causam desigualdades e sofrimento.

Percebemos o que Candido (2014, p. 55) nos diz ao afirmar que as afinidades entre o ser vivo e o ente de ficção são importantes para criar o sentimento de verdade, a verossimilhança e que vai mais além disso. A forma como a narrativa é construída mostra, por exemplo, como Luiza B. vive “essa meia morte” (REIS, 2018, p. 169). Ela é descrita da seguinte forma por sua filha Úrsula:

Minha infeliz mãe vergou sob a influência de uma sorte adversa, gemeu até hoje as dores de uma penosa enfermidade, chorou com amargura uma viuvez prematura, e a orfandade de sua filha, e nunca um amigo generoso, ou uma alma sensível, nunca, senhor, enxugou-lhe a lágrima ardente, que lhe queimava as faces. Nunca Luiza B. teve amigos. (REIS, 2018, p. 191)

A solidão gerada a partir da exclusão, de forma similar, pode ser observada também em Valter Hugo Mãe. A menina Matsu “[...] era lúcida o suficiente para entender a própria desgraça” (MÃE, 2016, p. 47). É entregue a um estranho e arrancada de suas raízes: “Matsu massajou as pernas. Sem se queixar, cansara-se mais do que alguma vez na vida. Cansava-se à medida de quem saía de uma vida para outra, arrancada de todas as raízes” (ibidem, p. 147). É como se o ser humano passasse gerações seguindo o mesmo olhar “deficiente” que produz desigualdades e desrespeito para com o outro. É uma estrutura social que possibilita a manutenção da exclusão ao longo da história; é um fatídico conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutido em nossos costumes e que promove, direta ou indiretamente, a condenação, sociedades doentes que perpetuam e carecem de mudanças.

Faz-se importante destacar que a ausência de respeito e empatia quando se olha o outro com indiferença ou trata esse outro com diferença por suas características ou porque não os consideram como iguais é um dos motivos mais desagregadores das sociedades modernas. Além disso, como lembra Feurbach, “toda limitação da razão ou da essência do homem em geral baseia-se num engano, num erro.” (FEUERBACH, 2007, p. 40). Tugnoli, por sua vez, afirma que

Se a essência do homem consiste em não ter uma essência, então a sua evolução será determinada, desde sempre, pela contaminação, pela hibridação, pela conjugação com a alteridade, com a adoção de modelos em condições de desenvolver potencialidades desconhecidas e imprevisíveis. (TUGNOLI, 2006).

Matsu, apesar de marcada pela escuridão de seus olhos, emitia luz e crescia em ideias: “A cegueira aumentava as ideias da menina Matsu.” (MÃE, 2016, p. 36). Agradecia por tudo, sonhava e se ocupava em fazer sorrir os demais,

A cega respondeu que ver a felicidade seria uma justiça da vida. [...] Matsu nunca prometeria parar de chorar. Acalmara, mas sabia bem que a felicidade se compunha da soma de muita tristeza também. Carregaria essa tristeza no seu pranto respeitoso, espaçadamente. E chorar seria também a sua mais íntima prova de gratidão. (MÃE, 2016, p. 151 e 153).

Essa diferença entre as duas personagens, no entanto, mostra como cada uma está implicada na vida de suas comunidades. Luiza B. morre sem poder alterar as circunstâncias ou a visão das pessoas em seu entorno “[...] e seu rosto tornou-se mais esquelético, e as feições mudadas e o suor gelado da morte mostrou-se” (REIS, 2018, p. 209). Por sua vez, Matsu, com suas lágrimas, adoçou o rio Biwa e amenizou a fome nas aldeias, transformando a própria vida e a de todos a sua volta:

A cega, de todo o modo, comovia-se. Dizia-se que a sua comoção era fonte. A menina criava água pura e pescar ali se tornava mais rico. Toda a rede era fértil. A fome das aldeias caía. Ouvia dizerem-no e muitos até lho agradeciam, fazendo-lhe vénias desimportados com a impossibilidade de ela os ver. Gritavam: menina Matsu, a bondade de cada deus. Ela sorria. (MÃE, 2016, p. 149).

Além disso, as personagens analisadas revelam como muitas pessoas vivem sob condições de exclusão, marginalizadas e são tocadas pela aspereza social que produz as fealdades do mundo. Isso demonstra o quão limitado é o conhecimento que se tem do outro, dentro e fora da ficção, como afirma Candido (2014, p. 56) “Daí concluímos que a noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, em relação à percepção física inicial. E que o conhecimento dos seres é fragmentário.”

Candido (2014, p. 58) reitera que nossa impressão, incompleta, acentua-se quando investigamos os fragmentos do ser, que nos é dada pela representação das personagens, no que vivem, como são vistas pelos outros nos sentimentos revelados por elas.

A sociedade contemporânea é fruto tanto dessas visões que causam desigualdades, tão bem representadas pelas personagens. O não reconhecimento de que ideias e atitudes resultantes da formatação social provoca sofrimento e opressão é um desafio para o leitor desses dois romances. É, portanto, conforme propõe Candido:

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (CANDIDO, 1972, p. 92).

O comportamento que se espera é de sensibilidade na forma de ver o outro, com respeito e valorização, como se pode perceber por meio das personagens aqui estudadas, de suas peculiaridades e de seus encantos, nas semelhanças ou nas diferenças.

Considerações finais

O estudo das personagens femininas dos romances *Úrsula* e *Homens imprudentemente poéticos* possibilitou uma maior compreensão da forma como Maria Firmina dos Reis e Valter Hugo Mãe abordam a questão das diferenças e de sua percepção social. Ambos os autores, de maneira poética, apresentam as inúmeras disparidades, injustiças na forma de tratar o outro e as controvérsias existentes entre igualdade e diferença nas sociedades, sejam elas do ocidente ou do oriente, do século XIX ou contemporânea.

A forma de ver a própria matéria da vida, ou mesmo a imagem que se tem de si e do outro não deveria divergir, pois todos possuem sua forma particular de ser e, por isso, ninguém precisaria sofrer diferenciação e rejeição por não ser o que o outro quer que seja. As personagens Luiza B. e Matsu representam uma realidade produzida pela exclusão, o que é execrável e que demonstra que

a discriminação causa privação, miséria humana e é nisso que as fealdades convergem para o sofrimento.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **Igualdade e diferença: uma discussão conceitual mediada pelo contraponto das desigualdades**. Revista Brasileira de Educação, v. 23, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura nº 9, vol. 24, set., São Paulo, p. 77-92, 1972.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 13ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2014.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MÃE, Valter Hugo. **Homens imprudentemente poéticos**. 1ª ed., São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.
TUGNOLI, Claudio. **Pós-humanismo**. O ser humano e o animal se hospedam um ao outro. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Edição 200, 16 Outubro 2006. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/496-claudio-tugnoli>. Acesso em: 05 mar. 2021.